



Eroto-filologia iídiche e a poética do desejo de Celia Dropkin

Yiddish Eroto-philology and Celia Dropkin's Poetics of Desire

Natalia Trompieri*

Universidade de Fortaleza (UNIFOR) | Fortaleza, Brasil

ninatrompieri@hotmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise da obra de Celia Dropkin, poeta iídiche que desafiou as normas estéticas e sociais de sua época, destacando-se como uma das principais figuras da poesia erótica iídiche produzidas por mulheres. Essa análise é realizada a partir da abordagem interdisciplinar eroto-filologia, lançada por Weiman-Kelman, que valoriza a investigação do discurso erótico em textos históricos, expressões populares e literárias em iídiche, levando em conta suas funções sociais, políticas e performativas. Nesse cenário, as tensões entre a censura social, a performatividade sexual e a afirmação da subjetividade tornam-se evidentes. A poesia erótica em iídiche constitui um campo literário significativo que evidencia negociações entre tradição, experiência corporal, gênero e identidade judaica.

Palavras-chave: Poesia erótica. Iídiche. Celia Dropkin.

Abstract: This article analyzes the work of Celia Dropkin, a Yiddish poet who challenged the aesthetic and social norms of her time, standing out as one of the leading figures in Yiddish erotic poetry written by women. This analysis is conducted using the interdisciplinary Eroto-philology approach, developed by Weiman-Kelman, which emphasizes the investigation of erotic discourse in historical texts, popular expressions, and literature in Yiddish, considering their social, political, and performative functions. In this context, the tensions between social censorship, sexual performativity, and the affirmation of subjectivity become evident. Erotic poetry in Yiddish constitutes a significant literary field that highlights negotiations between religious tradition and bodily experience, gender, and Jewish identity.

Keywords: Erotic poetry. Yidish. Celia Dropkin.

Ao longo de sua história, o iídiche, nascido do exílio e da diáspora desde aproximadamente o século X, foi alvo de repressão e estigma por diferentes grupos, sendo associado a certas marginalidades sociais. Passou a ser considerado um jargão, pois tratava-se de uma língua que não contava com uma gramática disciplinadora que pudesse colocá-la na posição de língua estruturada e era facilmente influenciada por outras línguas e dialetos locais. No período da Hascalá, o iídiche passou a ser criticado

* Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).



por uma parte dos entusiastas do movimento como um dialeto obscuro e incapaz de expressar pensamentos mais profundos; intelectuais defendiam o seu abandono em favor das línguas europeias, o que fez com que a língua passasse a ser vista como um obstáculo à modernização e assimilação. No entanto, ao mesmo tempo que o iídiche era estigmatizado e reprimido por razões sociais e políticas, também se consolidava como uma resistência e potência cultural. Segundo Guinsburg,¹ a Hascalá na Rússia e em parte da Europa Oriental tomou um rumo diferente em relação à língua iídiche. Embora reconhecessem a necessidade de uma renovação e modernização do judaísmo, os judeus orientais consideravam o iídiche como um patrimônio linguístico-cultural. Entre muitos manifestos de resistência a favor de sua manutenção, a língua acabou passando por sua melhor fase, mesmo em meio às mudanças sociais e culturais da época.

Embora seja um tópico ainda pouco explorado, a investigação do desejo e da erotização na cultura e literatura judaica possui uma história bastante significativa. A partir das décadas de 1920 e 1930, temas mais ousados e sexualmente explícitos foram apresentados e passaram a desafiar o *establishment* literário iídiche. Por esta língua, o desejo, a fantasia, a exploração do corpo e até mesmo aspectos eróticos da história começaram a ser retratados como fonte de produção. Weiman-Kelman² amplia a discussão sobre o tema e propõe um novo conceito: a eroto-filologia iídiche. Trata-se de uma metodologia interdisciplinar para a compreensão da história e cultura iídiche, com foco nos aspectos eróticos e sensoriais de textos, corpos e experiências históricas. O conceito também busca conectar e explorar como particularidades linguísticas desempenham um importante papel nos estudos da sexualidade, assim como a sexualidade desempenha no estudo da linguagem.

No caso do iídiche, o sexual e o linguístico, o erótico e o filológico compartilhavam um posicionamento semelhante: não só a sexualidade judaica era vista como desviante, mas também a própria língua era considerada anormal e desviante. Weiman-Kelman desenvolveu essa proposta a partir de uma perspectiva que valoriza a análise dos discursos eróticos presentes em fontes letradas, orais e folclóricas, com ênfase na compreensão do papel que a linguagem desempenha na configuração de identidades, desejos e normas sociais. Segundo a pesquisadora, a eroto-filologia difere das abordagens tradicionais da filologia ao centrar-se não apenas na reconstrução do texto ou na historicidade da língua, mas também na análise de como o discurso erótico se manifesta e se transforma em diferentes contextos culturais e temporais. Sua pesquisa destaca a importância de identificar metáforas, códigos e estratégias de dupla leitura empregadas por autores e praticantes para contornar censuras morais e religiosas, além de explorar as formas de resistência e de afirmação do desejo. A pesquisadora

¹ Guinsburg, 2004.

² Weiman-Kelman, 2018.



ênfata que o estudo da eroto-filologia tem um potencial político e social, pois oferece ferramentas para recuperar vozes marginalizadas, desafiar tabus e compreender as representações do corpo, do amor e do sexo que muitas vezes foram silenciadas ou deformadas pelos discursos dominantes.

No âmbito da literatura e cultura iídiche, a aplicação da eroto-filologia revela-se especialmente fértil, uma vez que grande parte dos textos eróticos tradicionais foi transmitida de modo oral ou manuscrito, muitas vezes mascarados por metáforas, trocadilhos e alusões bíblicas. Além disso, a produção literária iídiche também é marcada por uma tradição de escrita de caráter clandestino ou marginal, que utilizava estratégias semióticas para driblar a censura religiosa e social. Em muitos contextos culturais, o discurso erótico utilizou metáforas, simbolismos e dupla leitura como formas de preservar informações sensíveis. Assim, sua abordagem busca decodificar essas estratégias de comunicação codificada, entendendo-as como formas de continuidade de práticas discursivas que permitem tanto a subversão quanto a conformidade. Estudos recentes — que se apoiam na eroto-filologia — evidenciam que muitas canções, provérbios, poemas e contos populares carregam códigos de desejos, práticas amorosas e atitudes sexuais singulares, muitas vezes desconectados das representações oficiais.

Essas manifestações culturais retratam o corpo, o amor e o desejo numa perspectiva que pode ser considerada tanto subversiva quanto conservadora, dependendo do contexto. Por exemplo, muitos poemas de amor, canções nupciais ou deboche carregam um potencial de resistência contra as normas conservadoras ou religiosas que regulam o corpo e o desejo. A leitura sob a ótica da eroto-filologia revela que esses textos muitas vezes funcionam como espaços de afirmação de identidades sexuais alternativas ou de afirmação do prazer, sob formas codificadas. A proposta de Weiman-Kelman fornece instrumentos críticos para desvelar os subtextos, as ambiguidades e os jogos de linguagem presentes em textos eróticos do iídiche. Sua ênfase na análise de metáforas, na leitura de códigos de dupla leitura e na contextualização social permite que pesquisadores revisitem obras que, até então, eram marginalizadas.

A pesquisadora também indica que a questão reverbera com força adicional quando consideramos que o status desvalorizado da língua também pode ser atribuído à associação do iídiche com as mulheres, como *mame-loshn* (língua materna), em detrimento do hebraico (sentido como uma língua de expressão masculina) da erudição religiosa judaica e dos vernáculos europeus da cultura secular do Iluminismo. Isso serviria como um elo adicional entre questões de linguagem e questões de sexualidade, tornando-as interdependentes. A eroto-filologia iídiche, então, serviriam como local para o encontro tanto do corpo quanto da linguagem desviante iídiche, que não deve ser tratada como uma anormalidade a ser corrigida.



Foi sob o olhar de uma língua marginalizada, que também refletia estereótipos antissemitas da sexualidade judaica, que se possibilitou a exploração de temas eróticos especialmente nos círculos modernistas. Como um ato transgressor à severa condenação imposta ao iídiche. Se, em ambientes mais tradicionais, a língua foi reprimida, nos círculos modernistas era celebrada como instrumento de renovação estética. Nesse cenário, poetisas mulheres expandiram as possibilidades de retratar o desejo utilizando o iídiche para investigar o corpo, a fantasia e até mesmo aspectos eróticos da história. Entre alguns autores que costumam ser estudados por meio da eroto-filologia, Celia Dropkin se destaca como pioneira nas décadas de 1920 e 1930 ao utilizar o iídiche para escrever poemas apaixonados e sexualmente explícitos que chocaram seus contemporâneos. Sua obra explorou a interioridade feminina, a dinâmica de poder nos relacionamentos e fundiu erotismo com temas de amor, morte e criatividade artística. Nascida no ano de 1887, em um *shtetl* em Bobruisk, a cerca de 136 quilômetros a sudeste de Minsk, no que hoje é o país independente da Bielorrússia.

No início da Primeira Guerra Mundial, mais da metade dos habitantes de Bobruisk eram judeus. Alguns conseguiram fugir nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, mas cerca de 20.000 judeus foram fuzilados e enterrados em valas comuns quando o exército nazista invadiu a cidade em 1941. Fugindo da perseguição e do antissemitismo crescente na Europa Oriental e Rússia desde 1880, Dropkin emigrou para os Estados Unidos em 1912, onde permaneceu até o seu falecimento em 1956. Assim como Dropkin, autores contemporâneos contribuíram para o florescimento da poesia iídiche principalmente em Nova York, onde tinham um público entre as enormes ondas de refugiados que fugiam da perseguição e do antissemitismo na Europa.

Apesar de ter começado sua produção em russo, Dropkin considerava o iídiche sua língua materna. Seus primeiros poemas em iídiche foram suas próprias traduções de trabalhos que ela havia escrito originalmente em russo. Escreveu apenas um livro em sua vida, a coletânea de poesias *In Heyesn Vint*, de 1934. Posteriormente, uma edição expandida, incluindo seus contos e pinturas, foi publicada postumamente por seus filhos. Para Hellerstein,³ as imagens e os temas explicitamente sexuais dos poemas de Celia Dropkin redefiniram a forma como a poesia iídiche moderna poderia retratar relacionamentos afetivos. Com uma escrita elaborada, seus poemas frequentemente mergulham na psique feminina, revelando angústias, impulsos e conflitos internos. Há uma combinação de confissão íntima e performance poética.

Segundo Hellerstein, a partir de 1910, uma nova, controversa e secular literatura iídiche se estabeleceu como uma presença moderna, mundana, porém judaica. No entanto, a crítica iídiche — formada em sua maioria por homens — encaixou a poesia

³ Hellerstein, 2011; Hellerstein 2014.



feminina em uma categoria separada. Em jornais e semanários literários, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, críticos caracterizaram a produção de poetisas mulheres como instintivo, emocional, sentimental e, em última análise, anônimo. Essa categorização da poesia feminina iídiche e a desvalorização do meio editorial implicavam todo um conjunto institucional, social e cultural que limitava a visibilidade e as encaixava em uma posição inferior à produção masculina. Em especial, a poesia de Dropkin chocava ao abordar abertamente o corpo físico, desejos e luxúria; era demais para um mercado literário que ainda mantinha uma visão conservadora da mulher judia. Outras poetisas também escreveram sobre questões sexuais, mas de uma maneira muito mais velada. Uma poetisa ortodoxa, por exemplo, expressaria suas ideias sensuais por meio de representações do cabelo, o que teria ressonância na perspectiva de uma mulher ortodoxa, já Dropkin não era nada sutil e acabava por gerar um estranhamento, ainda que sua obra fosse de indiscutível qualidade.

De acordo com Sugarman,⁴ a poetisa desafiou preconceitos de seus leitores sobre a poesia feminina como uma forma de *tkhine*⁵ piedosa e popular: uma oração individual, não canônica, principalmente feminina. A transgressão de sua obra excedeu os limites do discurso aceitável para a época e, ainda hoje, desafia as convenções sobre sexo, casamento e maternidade. No mais, se a poesia iídiche para mulheres era uma forma de oração, não era uma forma digna, como seria em hebraico; era uma forma menor em uma língua menor. Dropkin e outras poetisas modernistas remodelaram esse “dialeto doméstico da aldeia” em uma escrita na qual o eu feminino pudesse falar. “Ela não estava mais de joelhos esfregando o chão e pedindo a Deus para engravidar.” Ela era uma mulher expressando abertamente o desejo, e isso tinha um custo.

Dropkin produziu sua obra mais importante nas décadas de 1920 e 1930. Também publicou contos e foi uma grande pintora, mas suas maiores realizações foram na poesia. Segundo sua família, a Shoah teve um impacto devastador sobre ela, fazendo com que sua produtividade fosse bastante afetada. O extermínio de seis milhões de judeus marcou profundamente o próprio iídiche como língua cotidiana de milhões de judeus na Europa. O que restou das produções literárias e artísticas após a barbárie foi, em grande parte, escrito por sobreviventes ou por judeus que imigraram, principalmente, para os Estados Unidos, onde os falantes da língua sucumbiram

⁴ Sugarman, 2009.

⁵ *Tkhine* (ou *teḥinot*) são orações e devoções em iídiche, originalmente destinadas às mulheres judias, que floresceram entre os séculos XVII e XIX. Essas orações serviam como uma forma de as mulheres participarem da vida religiosa, visto que muitas vezes não sabiam ler hebraico, a língua padrão do livro de orações das sinagogas. Elas se concentravam em questões específicas das mulheres e davam voz às suas preocupações e necessidades espirituais.



gradualmente às pressões da assimilação. Algumas produções iídiches pós-guerra também foram escritas em Israel, apesar da aversão essencial que havia por essa língua, outrora considerada uma ameaça ao estabelecimento do hebraico como língua nacional do recém-criado país. Para Sugarman, os poemas eróticos de Celia Dropkin redefiniram os limites das paixões femininas e são um testemunho da transformação que mulheres judias fizeram de sua língua da casa e do afeto em uma linguagem lírica orgulhosa de seu desejo.

A tradução da poesia iídiche apresenta desafios linguísticos, culturais e estéticos. Jogos fonéticos, trocadilhos e conotações coloquiais podem ser perdidos, e escolhas tradutórias podem atenuar ou intensificar a carga poética. O tradutor deve encontrar equilíbrio entre a fidelidade ao texto-fonte e eficácia poética na língua de destino. Manter a literalidade pode tornar o poema frio ou obscuro, enquanto privilegiar a musicalidade pode comprometer nuances semânticas. Há também questões relacionadas ao tratamento de dialetos e à preservação da voz autoral. Em suma, a tradução da poesia iídiche exige profundo conhecimento cultural, sensibilidade bilíngue e escolhas criativas certas para proporcionar uma experiência poética autêntica em outra língua. A seguir, três poemas de Dropkin traduzidos do iídiche para a língua inglesa.⁶ Não foram encontrados poemas da autora traduzidos para a língua portuguesa.

MY HANDS

My hands, two little bits
of my body I'm never
ashamed to show. With finger –
the branches of coral,
fingers – two nests
of white serpents,
fingers – the thoughts
of a nymphomaniac.

SUCK

You revel, I revel,
in us revels the God
who ruins everything,
who won't forbid.
Hammer my hands,
nail my feet to a cross:
burn me, be burned,
take all my ardor

⁶ Poesias traduzidas pelos autores Faith Jones, Jennifer Kronovet e Samuel Solomon.



and leave me deeply ashamed:
suck it from me and throw it away,
become estranged, alienated
and go your own way.

ADAM
Spoiled,
you had been fussed over
by many women's hands
when I came across you,
young Adam. And before I pressed
my lips to you
you pleaded, your face paler
and more gentle
than the gentlest lily:
Don't bite, don't bite.
I saw that teethmarks covered
your entire body. Trembling,
I bit into you—you breathed
over me through thin nostrils
and edged up to me
like the hot horizon to a field.

À luz da eroto-filologia, é possível afirmar que os poemas de Dropkin alinhavam-se à proposta introspectivista de uma poesia íntima, experiencial e corporificada, que ignorava formalismos simbólicos. No entanto, eram ainda mais radicalmente pessoais, audaciosos e extravagantes. Hirsch⁷ pontua que, ao publicar por conta própria *"In heysn vint"*, seu único livro a ser publicado em vida, Dropkin foi criticada por sua sensibilidade erótica e sua efusão de sentimentos. Poucos perceberam a arte consciente em seus poemas, que não são entradas de diário, mas objetos totalmente formados, letras bem-feitas. Seus poemas não devem ser considerados como biográficos; na verdade, obtém-se uma sensação distorcida de biografia a partir de sua obra. Por exemplo, ela foi, segundo todos os relatos, casada de forma estável por mais de trinta anos – ela e o marido tiveram seis filhos –, mas você não necessariamente saberia disso a partir de seus poemas. Dropkin surpreendeu seus contemporâneos (homens) ao revelar o que pouco se imaginava e tampouco se comentava: mulheres, mesmo as consideradas tradicionais, cultivavam uma sexualidade interna, talvez até mais potente do que a sexualidade masculina.

⁷ Hirsch, 2014.



Referências

DROPKIN, Celia. *The Acrobat: Selected Poems of Celia Dropkin*. Translated by Faith Jones, Jennifer Kronovet, Samuel Solomon, prologue by Edward Hirsch. Tebot Bach, 2014.

GUINSBURG, Jácó. *Uma língua-passaporte: o Ídiche*. Revista USP, 15, 145-149, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i15p145-149>. Acesso em: 10 ago. 2025.

HELLERSTEIN, Kathryn. *A Question of Tradition: Women Poets in Yiddish, 1586-1987*. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2014.

HELLERSTEIN, Kathryn. Chapter 9. *The Art of Sex in Yiddish Poems: Celia Dropkin and Her Contemporaries*. Modern Jewish Literatures: Intersections and Boundaries, edited by Sheila E. Jelen, Michael P. Kramer and L. Scott Lerner, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 189-212. Disponível em: <https://doi.org/10.9783/9780812204360-011>. Acesso em: 20 out. 2025.

HIRSCH, Edward. Fully Loaded: The Poetry of Celia Dropkin. *Virginia Quarterly Review*, v. 90 no. 2, 2014, p. 106-107. Project MUSE. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/543247>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SUGARMAN, Yerra. An Essay on Celia Dropkin and Four Poems translated from Yiddish by Yerra Sugarman. Published by the Center for the Art of Translation, August 2009. Disponível em: <https://fourwaybooks.com/site/an-essay-and-four-poems-by-celia-dropkin-translated-from-yiddish-by-yerra-sugarman/>. Acesso em 12 ago. 2025.

WEIMAN-KELMAN, Zohar. *Eroto-philology: Sex, language, and Yiddish history*. Orbis Litterarum, v. 74, Issue 1. 3 September 2018. Doi: <https://doi.org/10.1111/oli.12203>. Acesso em: 12 ago. 2025.

Enviado em: 15/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025